



www.observatoriodacritica.com.br

Versos de um mundo em transe
Jornal do Brasil, 19 de Janeiro de 2002

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/cmleal.html#alexei>
acesso em: 16 dez. 2010

Alexei Bueno traz a voz eloqüente dos poetas-gladiadores em resistência às seduções da modernidade caótica e à desumanização

CLÁUDIO MURILO LEAL

OS RESISTENTES

Alexei Bueno

Francisco Alves, 72 páginas

R\$ 15

A poesia brasileira atravessou, recentemente, uma fase de anemia criativa, quando tentou reabilitar a experiência do poema-minuto modernista, com tendências hai-kaiceanas à obviedade, como modelo de uma pretensa economia verbal. Os poemas produzidos tornaram-se pequenos no tamanho e pobres de conteúdo.

A chamada geração mimeógrafo, por exemplo, encurtou estruturas na busca de microcosmos líricos, mas o resultado final não convenceu. A pílula poética não fez efeito no leitor: a técnica, parca e pouca, banalizou os textos. Nessa linha minimalista, salvou-se a produção de alguns poetas mais velhos, como Mário Quintana e Manuel de Barros, além do jovem Alexei Bueno, um dos poucos que experimentaram com sucesso o desafio do hai-kai.

A reação a essa indigência abriu caminho para um neo-discursivismo, como proposta de revitalização do verso. Assim como as duas faces de Janus, o poeta pós-moderno direcionou o seu olhar para o passado que se mantém vivo, mas adotando, por outro lado, o *poundiano* lema do *make it new*, na tentativa de conquistar uma dicção própria e original. Entre tradição e ruptura, situa-se a eloqüente voz de Alexei Bueno, especialmente audível no seu último importante livro de poemas *Os resistentes*.

Fluxo - Trata-se uma saga que narra, num fragmentado fluxo de consciência, os embates do homérico Ninguém, representação da individualidade, contra Todos, símbolo das Massas e de sua

cultura avassaladoramente consumista. A ameaça do aniquilamento do Ser paira sobre o Poeta, que profere um "rotundo e sublime" NÃO, como senha de resistência às investidas do Mercado, das Ditaduras, das emblemáticas logomarcas de uma globalizada mcdonaldização. A negação se transforma numa estratégia de sobrevivência : "Ao desejo: não quero./À velocidade: mais devagar."

O *pathos*, que infla o estertórico discurso poético de Alexei, coloca em cena o conflito secular entre o indivíduo e o coletivo. O poeta resiste à multidão. Ninguém versus Todos. Homero/McLuhan, referências antinômicas que dramatizam a ação de *Os resistentes*. Poema sinfônico, composto de 12 movimentos, *Os resistentes* revela uma estridência dodecafônica, entre Schönberg e *Finnegans Wake*, oscilando também entre o vetusto alexandrino e o verso libérrimo, vazado em largo hausto, de ressonâncias bíblicas, onde também ecoam os ritmos de Whitman e Péguy. Alexei recria, assim, com extrema perícia, os ritmos consagrados que, mesclados aos de sua lavra, instauram uma nobre e nova cadência: o alexeidrino.

Um dos temas recorrentes em *Os resistentes* focaliza o duelo entre o herói homérico, que encarna a unidade do Ser (paradoxalmente apodado Ninguém) e a humanidade pasteurizada pela mesmice das modas, da mídia e das guerras. Numa cruzada contra a desumanização, o poeta é aquele que resiste ao facilitário sedutor da modernidade.

Pound - Como *Os cantos*, de Ezra Pound, *Os resistentes* são um *travelling fractal* da história da (in)civilização. À ação funesta de Todos, se interpõem os mártires, poetas, heróis e santos - Gautama, Homero, Leônidas, Che, Proust, Sêneca. Estas são algumas das *personae* que Alexei Bueno sabiamente invoca para compor as simbólicas hostes que vão neutralizar os ditadores terceiro mundistas: Batista, Somoza *et cetera*. Outros pop-heróis, como o Capitão América, o Super Homem, a Mulher Maravilha, colaboram na programação de um apocalipse virtual que irá destruir as minorias sensíveis, demasiado humanas. A imagem do Inferno nas gravuras de Doré é substituída pela fluorescente tela do Fliperama. Alexei, poeta visionário e cósmico, registra a caótica rotação do Universo em que vivemos. Contra os homens robotizados, o Poeta reúne forças espirituais para criar a falange dos resistentes, poetas-gladiadores que guardam em seus corações uma esperança de desalienação das massas consumistas e videóticas.

A lúcida poesia de Alexei está engajada no combate contra a reificação da humanidade. Opostamente, o fantasmagórico homem-coisa, que transita subliminarmente pelo Poema, não se comove com as perplexidades e as indagações do Poeta diante do nosso indecifrável mundo interior: "Um momento em que será preciso

que nos olhemos no espelho sem fundo/e perguntemos: o quê? / O que será nosso sentido? Qual o nosso destino? / E nem diremos a anêmica palavra felicidade, / Nem a utópica palavra plenitude, nem a modesta expressão paz de espírito, / Nem entreveremos o semblante de Deus."

O amplo mosaico da história universal, que Alexei Bueno compõe com tintas vibrantes, propicia uma visão pontilhista e intermitente do Vazio que se instalou na alma do homem moderno: o hollow man, o homem oco de T. S. Eliot. A obsolescência, outra alegoria de Alexei, também permite a proliferação dos espaços vazios. Os materiais degradáveis e a velocidade tecnológica transformam em obsoletos *gadgets* os ícones da modernidade.

Desumanização - *Os resistentes* configura a epopéia da desumanização, narrada numa linguagem em construção, que trabalha contra a corrente dos estilos diluídos. Sem planejados hermetismos, a escritura vocalizada de *Os resistentes* atinge o seu objetivo de denúncia e revolta, conquistando um lugar de destaque na poesia brasileira contemporânea.

Num tom de comício existencial, apropriado para despertar as consciências, o Poeta se insurge contra esta pseudo-Civilização, considerando-a culpada pela perversa tentativa de (con) fusão do eterno (o Ser) com o descartável (o Objeto). Vítima do mal-estar da modernidade, Alexei Bueno também resgata, no mundo exterior, com a força de seus versos cristalizados em verdadeiras pedras de toque, a utopia da harmonia universal. "Se em algo senti a harmonia oclusa do Universo, / Se em algo entrevi a mão que move os círculos atônitos dos astros, / Se assisti aos planetas e aos átomos nas moléculas, as elipses ./ . Sem saudade dos cometas nas parábolas íntimas do sangue ..."

Cláudio Murilo Leal é poeta e professor doutor pela UFRJ